

HOJE QUALQUER AULA É TRÁGICA

Jorge Lucio de Campos*

Escola Superior de Desenho Industrial (ESDI)
Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ)

"Ce que Gilles Deleuze apporte et accomplit ne se pouvait opérer dans le contexte des dernières générations que'avec une opiniatreté instinctive: introduire dans l'enseignement l'inenseignable"

Pierre Klossowski

1

Na década de 70, Klossowski ("Digression a partir d'un portrait apocryphe", L'Arc, 49, p. 11) falava do fascínio exercido sobre nossos jovens, por "diversas disciplinas iluminadoras, em particular (na época) a sociologia e a psicopatologia, com seus métodos de eficácia tranquilizadora, cujo primeiro resultado era o enquadramento dos espíritos num conformismo laboratorial". Educar lhe parecia, então, uma atividade, um processo sempre limitado e capturado por suas próprias (im)possibilidades. De lá para cá, a situação – de um modo ou de outro – só fez se agravar. Ficou, sem dúvida, mais difícil falar em esperança, utopia, transgressão e progressão na sala de aula. Os alunos hoje nos olham (quando o fazem), mas não conseguem (ou desejam) nos ver. Percebem-nos, no máximo, como uma presença numa ausência bem-vinda.

Mas, afinal, quem está em pé naquela sala? Um corpo funcionando em função, quase que exclusivamente, do cumprimento de um horário e da necessidade de um

salário? Até que ponto seriam realmente trágicas as perspectivas atuais da educação? Em que sentido seria razoável afirmar isso? Haverá ainda algum espaço para um processo educacional potencializador – um que nos capacite, como afirmou Lévinas, a sermos, de modo mais positivo, homens comprometidos com sua própria humanidade – em plena era da hegemonia tecnicista? Tratar-se-ia de um momento perigoso que nos aproxima absurdamente da hipótese de um solilóquio sem voz – porta de entrada para a algazarra generalizada das máquinas? Mas, até que ponto seria bom (mais que isso, imprescindível) para um professor tomar conhecimento do alcance virulento e inevitável dessas questões?

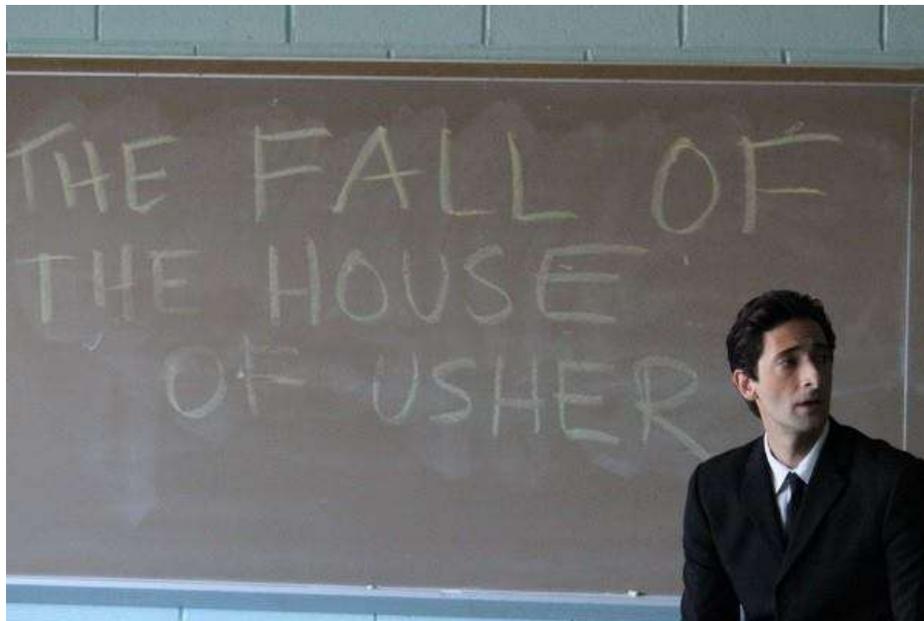


Figura 1. Fotograma de Detachment (2011),
filme dirigido por Tony Kaye (n. 1952).

Estariam os que ensinam sendo substituídos de vez pela eficiência da rede e pelos novos suportes informacionais em sua condição de produtos definitivos da racionalidade aplicada? Estariam já – o que é mais assustador – sendo tratados como descartáveis, superados e obsoletos? Para tanto, basta observar o desinteresse de um bom quinhão dos alunos pela relação direta, concreta com seus professores, sua pouquíssima disposição para o exercício do saber, sua preocupação, sobretudo, com os aspectos infraestruturais do processo, etc. No que tange a tais ações e reações dos alunos, valeria a pena – mais do que nunca – conferir a visão foucaultiana do pensamento como um ato de violência que passa anos-luz de distância da indiferença discente e do comodismo docente atuais. Quanto aos professores, seria mesmo a sua estratégia derradeira de sobrevivência a chamada *mise-en-scène* pedagógica (cf. figuras do professor-ator, do professor bonzinho, do professor-tio, do professor-parceiro e suas tentativas, na maioria das vezes, infrutíferas e ridículas de competição com a lógica da máquina) com todo o seu potencial de tragicidade?

O sentido aqui dado ao termo "tragicidade" é simples e direto, desviante do jogo da metáfora, do eufemismo ou da ironia. Quer se referir às ideias de amargura, de miserabilidade e de desesperança. Os professores estão, há muito tempo, sob uma pressão excessiva. Já se tornaram suficientemente desgastados, céticos e desencantados para serem poupados do reconhecimento dessa condição patética. Continuam, estranhamente até, vagueando por aí, numa insistência heroica, embora muitos dos mais talentosos estejam "jogando a toalha" e abandonando a profissão, diante de tantos percalços quase intransponíveis.



Figura 2. Fotograma de Blackboard jungle (1955),
filme dirigido por Richard Brooks (1912-92).

3

Só agora, após trinta e poucos anos de magistério, é que me dei conta de quão árdua, interveniente e complexa vem a ser a ação de ensinar. "Ensignare" (ou "insignire") é, em primeiro lugar, trazer para o regime dos signos, favorecer a potencialização do ato de lidar, ativa e passivamente, com esse conjunto complexo, sempre completante, de traços significativos que chamamos de linguagem, palavra, discurso; é, ainda, pôr uma marca, distinguir, tornar distinto aquele que

4

também passará a e deverá fazê-lo com o mesmo compromisso e seriedade. Porém, antes de tudo, implica em fazer desse mister algo instigante, que valha a pena cumprir e que não apenas venha a reboque da reprodução de valores, necessidades e ambições determinadas pelo establishment ou da garantia de incremento de seu ideal de produtividade. Não permitir que tal atividade se reduza a uma mera prestação de contas ou a uma prática dramática furtiva – da ordem de um teatro do ego em que a masturbação e o exibicionismo se sobrepõem ao acontecimento da diferença propriamente dita – e impedir que continue a ser aniquilada, em nome do que não lhe diz respeito, eis o desafio definitivo de qualquer ensinante que se preze.



Figura 3. Fotograma de Die Welle (2009), filme dirigido por Dennis Gansel (n. 1973).

Estimular o pensamento (político, ético, estético, educacional, etc.), despertar o espírito crítico, avaliador, intérprete do maior número possível de situações, fomentar o engajamento com o presente e suas grandes questões, tudo isso visando uma capacidade renovada de interação com o mundo concreto, foram algumas de minhas aspirações ao longo dos anos de magistério. Recusando-me a ser apenas um cumpridor de programas, um zelador de diários, um contador de histórias, um representante de interesses institucionais, um incrementador dos jogos do mercado de trabalho, o que, sobretudo, almejei – na contramarcha da possibilidade da repetição infinita e do perigo da reprodução desenfreada – foi conhecer e reconhecer o aluno criador, renovador e agente tanto quanto desafiar o aluno-burocrata, previsível, paciente e ritualizado – cujo espectro está hoje, mais do que nunca, disseminado entre nós e que os investidores do negócio-ensino insistem em tratar, com toda a insolência, como clientes.

De um modo ou de outro, nunca haverá possibilidade de aula se não houver, como pontos de partida, dois elementos imprescindíveis: o interesse do aluno em aprender e a disposição do professor para ensinar. Somente a partir daí – tendo a aula se transformado em um pacto vivo entre ambos – tudo se tornará viável, inclusive a realização.

*Graduado e Mestre em Filosofia, Doutor e Pós-Doutor em Comunicação e Cultura pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Professor-pesquisador do Programa de Pesquisa e Pós-graduação (Mestrado e Doutorado) em Design da Escola Superior de Desenho Industrial da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (ESDI/UERJ).
<http://www.esdi.uerj.br/>